



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10568 - Resumo Expandido - Pôster - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 17 - Educação Ambiental

O MUNDO HUMANO E MAIS-QUE-HUMANO NUMA PERSPECTIVA SIMÉTRICA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Helen Abdom Gomes - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Sonia Mara Samsel Geraldo - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Alberto Cabral Ferreira - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

O MUNDO HUMANO E MAIS-QUE-HUMANO NUMA PERSPECTIVA SIMÉTRICA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental brasileira teve seu advento na década de 70 junto com movimentos ambientalistas da ditadura militar, porém somente na década de 80 passou a ter visibilidade. A educação ambiental na América Latina tem como característica a influência de teorias marxistas, a qual parte da crítica ao capitalismo como seu eixo central. Este sinal na nossa história fez surgir o que chamamos de educação ambiental crítica.

Diferentes autores discutem perspectivas que possibilitam engajamentos na educação ambiental. A geo-epistemologia (CANAPARO, 2009) surge como um conceito que auxilia no desenvolvimento dos espaços periféricos da cultura ocidental, em especial da América Latina. A noção de lugar se refere ao conhecimento e, nas percepções e sensações que temos se tornam diferentes conforme o contexto em que foi vivenciado. Com esse entendimento, situamos o Brasil em seu contexto colonial, escravocrata e de suplantação dos conhecimentos dos povos originários.

Essa conduta ganha destaque no atual governo com base no desmonte de políticas públicas e medidas de retrocesso no âmbito ambiental (IARED; BUCK, 2021). A forma como ele vem realizando ataques contínuos mostra a vulnerabilidade de políticas públicas que já haviam sido conquistadas. As autoras alegam que a educação ambiental pode ser um caminho de resistência em relação ao atual governo. Assim, a partir da exposição de um arcabouço

teórico de viés ontológico e epistemológico que contraria a lógica moderna de produção de conhecimento e lugar do ser humano, o objetivo deste ensaio é apresentar a educação ambiental como uma possibilidade de partilha em um mundo mais-que-humano.

A Carta da Terra (2006) indaga sobre o futuro da humanidade em tempos críticos, em que é essencial fazer escolhas e assumir responsabilidades uns para com os outros. Merleau-Ponty (2018, p. 14) afirma que “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo”, entendendo-o como lugar de experiências sensoriais compartilhadas. Nesse caminho, nos aproximamos do pensamento de Ingold (2012; 2016), quando argumenta que o mundo é um lugar de correspondência, uma malha de fios nos quais as relações se emaranham e seguem nos fluxos que atravessam a vida.

Perceber o mundo sob essa perspectiva é entender a vida num mundo em ruínas, no qual o capitalismo de catástrofe vem danificando a Terra e intensificando injustiças sociais e ambientais. São processos antrópicos conjuntamente com outros processos e espécies que fazem história (HARAWAY, 2021). Nessa ótica, o capitalismo não é visto como um sistema econômico, mas uma forma de organizar a natureza (MOORE, 2015). Esse período é entendido como Capitaloceno (MOORE, 2015; HARAWAY, 2021), reconhecendo que as ações humanas são perpassadas por questões políticas e econômicas desiguais e que a apropriação da natureza enquanto fenômeno sistêmico também é responsável pela crise ambiental. Percebe-se que tanto humanos como não humanos têm responsabilidade.

O Capitaloceno sugere uma história para além do século XVIII e da máquina a vapor. Esse sistema entende a mão de obra escrava na agricultura, genocídio indígena e deslocamentos e recomposição de plantas e animais como momentos de transição (HARAWAY, 2021). Tsing (2021) defende o termo Antropoceno e apresenta os ferais como seres vivos e não vivos que podem adquirir novos poderes quando se vinculam a projetos humanos que modificam a terra, a água e a atmosfera. A autora argumenta sobre o Antropoceno ser um efeito feral, “um efeito da ação mais que humana” (TSING, 2021, p. 182). Nessa esfera, é significativo pensar alternativas e novas alianças que permitam o florescimento do humano e mais-que-humano juntos. São formas de conhecer e se relacionar com o mundo que se articulam com diversificados seres e agencialidades, que convidam a refletir sobre os fins de mundo (LIMA; KRAHÔ; ALDÉ, 2020).

Krenak (2020) também argumenta sobre o fim do mundo ao relatar a história do rio avô - Watu, - (para os Krenak o rio é uma pessoa e não um recurso) que está em coma após o rompimento da barragem de Fundão, MG em 2015. Esse evento atingiu profundamente a vida desse povo, colocando-o na condição de um mundo que acabou. O autor pondera sobre

transcender a técnica para se abrir a outras formas de olhar para a vida, imaginar outros mundos possíveis, “não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos” (KRENAK, 2020, p. 63).

Haraway (2021) reflete sobre formas de viver e morrer bem nessa Terra danificada. Ao ponderar sobre encontrar modos significativos de seguir uns com os outros, construindo laços e conexões, nos apresenta seu *Chthuluceno* como uma temporalidade emaranhada “entre o que foi, o que é e o que ainda está por ser” (HARAWAY, 2021, np). A autora argumenta que a contação de história ajuda a imaginar e performar mundos mais significativos. Apresenta também a *simpoiesis* – fazer-com, como uma forma de gerar mundos de maneira conjunta, em companhia, nutrindo uns aos outros, ajudando a florescer, criando condições para que haja uma continuidade, para produzir-mundos-com, para “viver e morrer com alegria uns com os outros” (HARAWAY, 2021, np).

Essas observações nos levam a deduzir que, historicamente, construímos um mundo a partir da satisfação e dos desejos fundamentados na lógica mercantilista dos elementos humanos e não humanos que compõem a natureza. Um dos problemas dessa lógica de satisfação, é como o de uma refeição de apenas arroz, em pouco tempo você está com fome de novo, e neste caso acabamos sobrecarregando a natureza. O outro problema vem se mostrando ainda mais traumático, pois, temos como resultado a destruição das relações estabelecidas entre o mundo humano e mais-que-humano. Sendo assim, precisamos instituir práticas de educação ambiental menos antropocêntricas.

Acreditamos que uma virada ontológica requer a secundarização de valores e crenças ocidentais, pois a entendemos como interventora de um saber que não justapõe de forma simétrica o papel de cada elemento do meio ambiente. Vemos potência na percepção de que experiência da vida não pode ser vivida no interior de um corpo, que se conecta com outros corpos, mas de maneira correspondente “no fluxo dos materiais” como por exemplo a luz, o som, o vento, os líquidos e texturas “que os atravessam, diluindo os limites de seus corpos, de suas mentes e de suas superfícies” (INGOLD, 2010, p. 31).

E temos como alternativas para nos ajudar a construir novos modos de habitar o mundo, práticas de educação ambiental orientadas pela descentralização do ser humano. Práticas estas que para Carvalho e Steil (2013) são denominadas epistemologias ecológicas – definidas aqui como a convergência de disciplinas e teorias que problematizam as dicotomias modernas e requisitam por indagações que reflitam o mundo mais-que-humano. Carvalho e Mhule (2016) argumentam por uma educação ambiental “fora da caixa” – aquela que se dará

por estratégias educativas que potencializam a “capacidade reflexiva e das criatividades, habilidades necessárias para formação de sujeitos autônomos e críticos” (p. 26).

Gomes e Iared (2021) vem nas práticas da pedagogia waldorf, competência para a construção de relação de afeto entre o ser humano e o mundo mais-que-humano com base no distanciamento com as tecnologias e na aproximação com a natureza. Para Payne (2020), práticas ecopedagógicas, ao compreenderem o caminhar, fazer, ser e tornar-se em vários ambientes são passíveis de nos enquadrar numa forma intercorpórea de experiência holística e transdisciplinar.

Para Springgay e Truman (2019) em contextos educacionais, as caminhadas são de grande valia, pois aumentam a criatividade, concentram a atenção dos alunos e, principalmente, tem potencial de promover estilo de vida saudável e são apoiadoras da sustentabilidade ambiental, na perspectiva que advogam a educação ambiental. Além disso, são também uma possibilidade de perceber a presença do mundo mais-que-humano em um compromisso ontológico.

Payne e Wattchow (2009) propõem uma pedagogia lenta – esta destaca a importância do corpo numa educação em vários ambientes, nos permitem fazer uma pausa ou “morar em espaços por mais um momento fugaz”, e, portanto, receber significado daquele lugar (PAYNE; WATTCHOW, 2009, p. 16, tradução nossa).

Essas propostas de educação ambiental partem do princípio de que a experiência corporal, quando vivida num nível pré-objetivo, pré-reflexivo, o entrelaçamento denso e extensivo entre os pólos produzidos pelas dicotomizações deixam de existir e passam a pertencer a uma mesma carne (MERLEAU-PONTY, 2018). Sendo assim, a ideia de apresentarmos possibilidades de educação ambiental orientadas por perspectivas de fluidez do mundo humano e mais-que-humano, parte da premissa de a vermos como condição primordial para pensarmos em novos modos de habitar o mundo.

Palavras-chave: Virada ontológica. Experiência estética. Fazer-com.

REFERÊNCIAS

CANAPARO, Claudio. **Geo-Epistemology: Latin America and the location of knowledge.** New York: Peter Lang, 2009.

CARTA DA TERRA, Brasil: **Instituto Paulo Freire**, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; MHULE, Rita. Paradedada. Intenção e atenção nos processos de aprendizagem. Por uma educação ambiental “fora da caixa”. **Revista Ambiente & Educação**. 2016, v. 21, n.1, p. 26-40.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos. A. Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, 2013, Rio Grande, Edição Especial, p. 59-79.

GOMES, Helen Abdom; IARED, Valéria Ghislotti. O potencial da pedagogia waldorf para a educação ambiental em uma perspectiva ecocêntrica. **Revista educação e cultura contemporânea**, 2021, v. 18, n. 54, p. 323-343.

HARAWAY, Donna. **Seguir com el problema**: generar parentesco em el Chthuluceno. Buenos Aires: Consonni, 2021. 456 p.

_____. Ficar com o problema de Donna Haraway. [entrevista concedida a] Helen Torres. **N-1 Edições**. 2021. np.

IARED, Valéria Ghislotti; BUCK, Sonia. O Editorial, **Pesquisa em Educação Ambiental**, 2021, v. 16, n. 1, p. 7-9.

INGOLD, Timothy. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, 2016, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 2012. ano 18, n. 37, p. 25-44.

_____. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, 2010, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 104 p.

LIMA, Ana Gabriela Morim de; KRAHÔ, Creuza Prumkwyj; ALDÉ, Veronica. Histórias e cantos do milho Krahô. In: OLIVEIRA, Joana Cabral de; *et al.* (Org.) **Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta**. São Paulo: Ubu, 2020. p. 283-300.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 5^a ed. 2018. 666 p.

MOORE, Jason. Por uma teoria econômica além do antropocentrismo. [entrevista concedida a] Kamil Ahsan. **Democracia e Mundo do Trabalho**. 2020.

_____. **Capitalism in the web of life**: Ecology and the accumulation of capital. Verso Books, 2015. 336 p.

PAYNE, Phillipe. “Amnesia of the moment” in environmental education. **The Journal of Environmental Education**. 2020, v. 51, n.2, p. 113–143.

PAYNE, Phillipe; WATTCHOW, Brian. Phenomenological deconstruction, slow pedagogy, and the corporeal turn in Wild Environmental/Outdoor Education. **Canadian Journal of Environmental Education**, 2009, v. 14, p. 15-32.

SPRINGGAY, Stephanie; TRUMAN, Sarah. Walking methodologies in a more-than-human world: walking lab. **Qualitative Research in Psychology**, London; New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2019. 178 p.

TSING, Anna. O Antropoceno mais-que-humano. **Ilha – Revista de Antropologia**. Florianópolis, 2021. v. 23, n. 1, p. 176-191.